

Tipo Exportação



desmontando as mentiras de José Mujica



"Qualquer semelhança com o contexto brasileiro não é mera coincidência."

Nota Inicial da Tradutora: Para romper com o sujeito único universal masculino na escrita, traduziremos esse zine com muitos singulares e plurais no feminino, ao contrário do comum masculino. A linguagem abrangente sem gênero com X será utilizada quando for possível o entendimento do sentido do texto, já que trata-se de uma tradução do espanhol uruguaio. E como a maioria das merdas do mundo foram feitas por homens, o singular e plural no masculino será utilizado eventualmente quando simbolizar algo pejorativo, malefícios e suas derivações. A história do mundo já é escrita no masculino, e para fazer diferente precisamos começar...fazendo!

Palavras prévias

Algumas daquelas que vivemos no território do estado uruguaio viemos tendo de explicar mil e uma vezes a falsidade do discurso e da imagem internacional que José Mujica construiu. Mil e uma vezes voltamos a dizer: são falsidades construídas por um político.

Parecia então oportuno escrever o porquê... ainda quando não deveria ser necessário...

os profissionais e o produto não-político

Os profissionais da política devem arcar com o repúdio e o juízo negativo que possuem enquanto coletivo humano. Todas as culturas, sem exceção, tem conseguido estabelecer em seu senso comum a ideia de que aquele que dedica sua vida a convencer às demais de que o elejam para ocupar cargos de poder, o faz na base da mentira.

Desde então isso não nos fez livres. Essa voz, que fala em todas as línguas e que está presente no conhecimento coletivo de todos os grupos humanos, compete com a retórica dos profissionais da política.

A arte do político consiste em compreender através de quais expressões, quais gestos, quais discursos ou ações conseguem convencer um maior número de pessoas dispostas a renunciar a sua capacidade de agir, concentrando-a e monopolizando-a para si. Quer dizer, o político desenvolve a arte da conveniência na construção de cada gesto que projeta às demais. Toda ação de um político está mediada pelo cálculo do que convém dizer a uma, o que prometer a outra, em cada momento ou contexto diferente.

Com uma imagem negativa e com pouco crédito como coletivo humano, os profissionais da política em alguns momentos fogem para deixar em seu lugar os produtos de marketing, planejados e construídos cuidadosamente. Na totalidade dos casos, então, existem empresas de publicidade, assessores e estúdios de marketing que se encarregam de uma maneira ou outra desse processo.

Era Ronald Reagan um profissional da política? E o Arnold Schwarzenegger? O que dizer de “Palito” Ortega, a Cicciolina ou o palhaço Tiririca? Eles surgiram do mundo do espetáculo e entraram na vida política criticando aos profissionais e sua “maneira de fazer política”. Com esse discurso chegaram a ser presidente dos EUA, governador da Califórnia, governador de Tucumán, deputada da Itália e um dos deputados mais votados do Brasil¹. Mas eram atores atuando um novo papel. Guiados e dirigidos pelos que já não podiam dar suas caras, o poder propôs esses produtos-não-políticos como forma de usar o juízo negativo a seu favor. É que, como dissemos, essa voz que repudia a falsidade e a hipocrisia dos políticos está instalada no conhecimento coletivo.

Mas os profissionais da política também aprenderam com seus produtos e começaram a entender que o melhor argumento para se desenvolver com êxito no mundo

¹*Corrigido do original que dizia que o Tiririca foi o senador mais votado do Brasil. Ele está no segundo mandato como Deputado Federal. Quanto ao deputado federal mais votado no Brasil, algumas informações dizem que foi uma aberração chamada Enéas, uma piada de mau gosto do PRONA – partido neo-fascista brasileiro.

da política é parecer que não faz parte da sua classe profissional. Os produtos não-políticos que tiveram êxito são tão grotescos que não podem sustentar-se sem uma alternância mais convincente. Por tal razão esses velhos profissionais tiveram que se reinventar e também se declarar como alheios ao que realmente são. A ideia de “renovação” da política, então, não é mais que um discurso, uma construção de um profissional não-político da política que gerou um novo disfarce. Como esse princípio emergiram candidatos que, com diferentes argumentos de contexto, batem no peito jurando ser diferentes.

Assim, Cristina Fernandés, Dilma Rousseff ou Michelle Bachelet são “diferentes” aos profissionais da política por serem mulheres. Evo Morales por ser indígena. Obama por ser negro. Lula da Silva por ser sindicalista ou Sebastián Piñera por ser empresário. Boa parte da democracia ocidental vive um claro momento em que não ser “igual” aos profissionais da política é um requisito indispensável para entrar na profissão e ter sucesso. De alguma maneira, os políticos e sua profissão conseguem sobreviver negando a si mesmos e convencendo axs demais de semelhante absurdo...absurdo por onde seja visto.

Mas os discursos, os falsos antagonismos entre os que disputam por espaços de poder, as imagens, as músicas e os slogans não podem nos fazer esquecer o que já sabemos. Julgamos sobre políticos e decidimos repudiá-los. Todas, absolutamente todas, sabemos que um político mente, oculta informação, manipula e obtém sempre algum tipo de benefício pessoal de sua atividade. Sabemos que para chegar a ser presidentes é necessário que faltem com a verdade para com as demais e consigo mesmos.

Não há ética na política porque, além das características pessoais de cada candidato, o processo os profissionaliza. No caminho para ser presidente se deixa de ser negro, índio, mulher, sindicalista ou empresário e se absorvem todos os elementos necessários para se conceber como um profissional da política. O presidente é antes de tudo um presidente, uma lista numa estrutura, e sua história de vida pessoal é só uma anedota.

Em uma democracia representativa, o político que quiser ser presidente tem que convencer a uma enorme quantidade de indivíduos de que o melhor é que renunciem a sua capacidade de fazer e se brindem. Que lhe deem sua simpatia através de seu voto. Mas nós seres humanos não somos realmente seres sociais, senão que somos seres relacionais. Quer dizer, necessitamos nos juntar com outrxs, sonhar, pensar, ajudar, compartilhar as coisas, os momentos e as emoções. Precisamos estar **em relação** com outrxs indivíduos para nos desenvolver plenamente e construir cabalmente nossa identidade individual.

Mas se queremos ser genuínas e sinceras conosco mesmas e com as demais nesse processo, não teremos capacidade de simpatizar com todo o mundo. Porque somos seres humanxs. Seres gregários (animais com necessidade de viver em grupo) que se desenvolvem plenamente com a manada, mas que se atrofiam na sociedade de massas. Uma indivíduo com particularidades, sendo fiel a elas, não pode ter um milhão de amigxs, apesar ser o maior desejo de Roberto Carlos. Um político que busca um milhão de votos oculta seu verdadeiro ser para mostrar uma imagem difusa e mudada em cada momento e a cada pessoa ou coletivo com o interesse de obter sua simpatia.

Essa falsidade no trato com xs outrxs, esse notório desejo de ficar bem com todas as pessoas para obter o voto, é o primeiro fundamento pelo que aquela voz condena. As seres

humanas temos a capacidade quase instantânea de detectar a artificialidade do hipócrita, os profissionais da política sabem disso e trabalham dia e noite para neutralizá-la.

Presidente Mujica, um produto profissional

A história de vida de José Mujica foi propagandeada e mencionada através de muitos meios. Dedicando-se à política desde jovem, militou nas filas do Partido Nacional até inclinar-se pela tomada do poder através da luta armada. Com essa meta, foi um dos líderes históricos do Movimento de Libertação Nacional Tupamaros. Essa entidade tinha como princípios organizativos a estruturação fortemente hierárquica de seus integrantes e a manobra restrita da informação por parte das cúpulas. Com isto queremos fazer notar que o funcionamento do MLN se assentava na ideia de que uns poucos concentravam o poder de decisão e a manobra global da informação, enquanto que a enorme maioria atuava em grupos reduzidos e deliberadamente isolados entre si, sem conhecer plenamente o contexto em que atuavam. Isso desde então produziu um tratamento completamente desigual entre suas integrantes e uma valorização desbalanceada de cada indivíduo, sendo o motor de que algumas ficassem completamente esquecidas e outros capitalizassem e reescrevessem os acontecimentos. Em uma estrutura vertical, em que alguns concentram informação, poder e capacidade de tomar decisões; os líderes trabalham basicamente como qualquer profissional da política.

Mujica era um político antes de ser guerrilheiro e por essa razão sempre conseguiu colocar-se nos pontos mais altos da hierarquia junto com um pequeno grupo de dirigentes. Enquanto indivíduos que pertenciam às bases de ação do MLN eram torturadxs e assassinadxs, esse pequeno grupo manteve várias reuniões secretas com militares com o objetivo de negociar diferentes aspectos e continuar com sua prática de cooptação e convencimento para com o exército. Desde então, essa estratégia falhou e os dirigentes foram sendo presos e declarados “reféns” por parte da ditadura.

Sendo o exército também uma organização fortemente hierárquica, a ideia de prender autoridades ou ameaçar com sua morte diante a ação das bases surge como uma estratégia natural entre organizações similares. É certo que Mujica e esse pequeno grupo foram fortemente torturados, mas também é certo que os hierarcas se reconhecem entre si e, para eles, a vida de um subalterno tem muito menos valor. Por essa situação, a de ter a capacidade de imobilizar aos demais, a maior parte desse pequeno grupo não foi assassinada e tomada como “reféns”.

Terminada a ditadura e libertados xs presxs políticxs, o MLN se legalizou e começou sua vida dentro da política partidária da Frente Ampla. Começou então um processo de acumulação de votos mediante os quais todas as propostas históricas “revolucionárias” foram substituídas por propostas de governabilidade dentro do sistema sem mudanças estruturais profundas. O objetivo seguia sendo o mesmo: a tomada do poder. E se isso implicava transformar todo o discurso construído ao longo de muitos anos, não existia o maior problema.

Sendo políticos desenvolvendo uma nova estratégia, os dirigentes propuseram um

plano de alianças com todo aquele produto político que quiseram aproximar-se. Mujica desempenhou um papel fundamental na produção desta estratégia e na colocação em prática da mesma, sendo protagonista de convencer e aproximar a dirigentes reconhecidos de outras facções ou partidos. Desde então, e diante desse comportamento, boa parte das bases do MLN, que acreditavam com convicção na luta e nas propostas históricas, abandonaram a estrutura. Muitos delxs se declararam publicamente traídxs e criaram outras formações políticas ou se afastaram da política partidária.

É aqui onde surge o chamado “fenômeno Mujica” dentro do Uruguai. Sendo legislador, Mujica monopolizou a atenção dos meios de comunicação de massa e dxs novxs eleitorxs para falar com aforismos de homem do campo, ter um aspecto desleixado, transporta-se em moto ou em um fusca velho, barato e em mau estado. Mujica se propõe, então, como encarnação da verdade que leva o “homem simples” como um velho sábio, rústico, que levanta a voz para dizer o que todxs realmente sabem mas ninguém quer escutar, como alguém que não fala nem atua como um político.

Este profissional não-político da política, tomou um arquétipo, o dissecou meticulosamente para estudá-lo, e se alinhou com ele. Mas é realmente algo de “homem simples” ser legislador? Uma pessoa que se dedica às coisas simples da vida pode ter algum interesse por ser ministro ou presidente? Como é possível que um ser do campo, um desses sábios populares que vão pela vida sem pretensões de aumentar seu ego, sendo que aí reside sua sabedoria, possa querer ser ver no espelho como presidente?

Sobre esta contradição óbvia o político não-político construiu uma estratégia de convencimento baseada em um único discurso: o sacrifício pessoal em prol do benefício do país. Em várias entrevistas Mujica se reconheceu em um caminho que não queria seguir, uma sorte de mártir que sacrifica seu desejo de uma vida simples e sem as falsidades do mundo da política, por ser eleito pelxs votantes e pela possibilidade de levar adiante um programa de governo transformador. Deste modo, se salvaram as contradições entre discurso e ação, e o caminho à presidência ficou resolvido.

Mas é importante nos atentar em um feito simples e demolidor que coloca por terra toda esta construção. Mujica dedicou sua vida inteira à acumulação de poder, ao constante ascenso em todas e cada uma das estruturas hierárquicas que participou, para além do custo pessoal. Sua vida está ligada desde sempre às falsidades da política e ele sabia perfeitamente que não iria realizar nenhum programa transformador como presidente. Sendo assim, é importante recordar que a pessoa é a que faz e não a cara pública que se mostra às demais. Produzir uma cara pública para as demais, uma máscara irreal, é alcançar um objetivo determinado, é um fazer que nos coloca em duvidosa relação com a verdade.

Este procedimento é a mesma essência da profissão do político e é a contradição total com o arquétipo que se está querendo encarnar também internacionalmente. A maneira com que uma pessoa se relaciona com os bens é um dos indicativos mais evidentes da sua relação com a ambição, a cobiça, a acumulação e o vínculo com as outras pessoas. A relação que Mujica construiu ao longo de toda sua vida com o poder e a verdade o mostra como ele realmente é: um profissional da política que mente, oculta e acumula informação, ambiciona poder e utiliza xs demais para sua conveniência.

Mujica e o Estado Uruguaio como produto internacional

Uruguaio foi colocado como o “paraíso socialista” por várias das mais influentes revistas internacionais. Como argumento foram destacados um pequeno conjunto e leis votadas recentemente – das quais falaremos mais adiante – deixando de lado uma enorme quantidade de circunstâncias próprias da realidade cotidiana dxs que vivem nesse território.

Geralmente têm sido apresentados, como primeiro grupo de argumentos positivos, uma série de características próprias à conformação social e demográfica que não dependem do presidente em turno. O território do Estado Uruguaio é pequeno, sua população é de uns 3 milhões de seres humanos e a densidade populacional é muito baixa, sendo que existe uma só cidade considerável que agrupa metade da população, Montevidéu, dita cidade capital, é uma cidade pequena que tende a estender-se até a costa leste e não se aproxima às grandes metrópoles da Europa, EUA ou de outros países da América do Sul. É esperado, então, que uma habitante de Madri, Roma, Nova Iorque, São Paulo ou Buenos Aires possa encontrar uma sensação de alívio da loucura desatada nas grandes cidades percebendo o ritmo montevideano a uma menor velocidade.

Isto, desde então, não fala realmente bem de Montevidéu, senão faz visível o estado de enorme deterioração da vida nas grandes metrópoles e a alienação de suas habitantes. Mas para compreender como se está transformando um território, que características reais têm e como vivem sua população; a ferramenta de comparação com outras cidades parece incompleta e descontextualizada. Uma realidade deve ser comparada consigo mesma em forma diacrônica, isto é, deve-se tomar em conta como foi em sua história, que tipo de mudanças vem processando, em que direção e a qual velocidade.

Na cidade de Montevidéu a qualidade do ar vem piorado nos últimos dez anos, tornando-se irrespirável nos horários de pico. Os engarrafamentos, fenômeno completamente desconhecido até o momento, começa a fazer-se presente e a venda de carros novos cresce ano após ano, pelo que a tendência é piorar esta situação. Por outro lado, a água corrente, extraída do vale do rio Santa Lúcia e utilizada para beber por mais da metade da população do Estado, foi contaminada por fertilizantes e uma alta gama de produtos tóxicos usados pela agricultura e pecuária. Esta situação, completamente comprovada, foi ocultada de forma deliberada pelo governo de Mujica e se estima que se nos próximos cinco anos não se começa a reverter o atual estado do vale, o rio morrerá definitivamente.

Por outro lado, viver nesses momentos no Estado uruguaio é, como qualquer viajante pôde comprovar, viver no Estado mais caro da América do Sul. O custo da comida, o aluguel e os serviços públicos são o primeiro elemento de surpresa que ressalta a qualquer habitante de outro país que se encontre de visita. Todxs, sem exceção, se perguntam como a população faz para levar adiante esse custo sendo que os salários médios não são nem de perto os mais altos da região.

Podemos nos perguntar legitimamente se estas são características intrínsecas, como as demográficas, e se um presidente tem poder de influenciar sobre elas. Como resposta é

importante saber que no Estado uruguaio se produz alimento para abastecer, com uma dieta balanceada e diversa, a uma população de mais do triplo da existente. Ou que os serviços públicos, água, eletricidade, telefonia fixa e internet a cabo estão monopolizadas pelas empresas estatais. Que o refino e distribuição de combustíveis também estão nas mãos de uma única empresa estatal e que também pertence ao Estado a única empresa ferroviária.

A economia uruguaia, sempre desde uma ótica capitalista, se encontra num ciclo de expansão e crescimento faz dez anos e a arrecadação através dos impostos é a maior da história, dando a possibilidade ao Estado de realizar todo o tipo de inversões. O primeiro governos da Frente Ampla teve Mujica como cabeça na lista mais votada de todas as eleições, além de ser nomeado ministro da pecuária, agricultura e pesca. Sendo que seu setor foi majoritário dentro do primeiro governo e é presidente do segundo, a atuação de Mujica deve ser analisada no marcos dos dois períodos.

Nesses dois períodos de governo o Estado uruguaio tomou um enorme conjunto de decisões que aprofundam a destruição da vida e reforçam as estruturas do sistema capitalista e a alienante maneira de viver nele. Somente a modo de breve exemplificação, daremos alguns dados sobre as medidas levadas adiante nestes dois períodos de governo.

O Estado uruguaio participou ativamente na ocupação militar do Haiti, sendo responsável por casos específicos de violações sexuais realizadas por soldados uruguaio nesse processo. Com efeito, nem sequer com a recente dissolução do parlamento haitiano por parte de seu “presidente” se pensou em retirar as tropas. Foi habilitada e estimulada a plantação de espécies transgênicas sem nenhum tipo de controle ou informação. Uma das maiores fábricas de produção de pasta de celulose do mundo foi construída nas orelhas do rio Uruguai, contaminando suas águas e propagando a monocultura de eucalipto por todo o território. Essa monocultura vem deteriorando profundamente as terras onde é imposta e consumindo boa parte dos recursos hídricos do país. A plantação de soja transgênica foi estendida e o uso de herbicidas somente tolerados por ela. Deste modo, a biodiversidade está sendo destruída e as águas contaminadas. Estão projetando a construção de um porto de águas profundas na costa leste que destruirá uma das costas mais intocadas do território. A pesca, a biodiversidade e até as dinâmicas humanas dos diferentes povos próximos estão fortemente ameaçados. Estão explorando a existência de petróleo abaixo da plataforma marítima utilizando procedimentos de ultrassom que já tem provocado a aparição de várias baleias mortas nas costas de Montevideu e a migração de espécies como a corvina do Brasil. A pesca artesanal está, então, em processo de desaparecimento. Estão trabalhando, com uma grande resistência popular, na implantação de um projeto de mega mineração a céu aberto para a extração de ferro. Os processos implicados nessa extração são altamente contaminantes, por esse motivo as populações locais estão colocando mecanismos legais de solicitação de consulta de democracia direta, mas os mesmo estão sido inabilitados através de diferentes armadilhas burocráticas. Foi votada uma nova lei de comportamentos que penaliza todos os tipos de ações na via pública, entre elas dormir nas ruas. Começaram a construir o primeiro presídio privado do país e tem sido realizado todo tipo de operações policiais de entrada nos bairros mais pobres, matando pessoas, impondo o medo e estigmatizando seus habitantes. Os mecanismos de controle sobre a população foram

reforçados com a colocação de milhares de câmeras de segurança nas ruas, o uso de drones, a recente proposta do passaporte biométrico e a constante intervenção dos telefones, assim como dos e-mails. As prisões do Estado uruguaio tem sido catalogadas como as piores do mundo pelo relator de direitos humanos da ONU...

O paraíso socialista governado pela Frente Ampla, com Mujica em sua cabeça, não se separa realmente do processo de destruição da vida a que os políticos nos estão levando em todo o mundo.

Três leis tipo exportação

Com este marco geral estabelecido, podemos analisar com detalhe as três leis que foram bandeira da propaganda do produto José Mujica no exterior. A primeira delas, a mais falada e famosa, a Lei de Regulação do Cultivo e Consumo de Maconha, não pode ser atribuída como uma iniciativa de Mujica. No território do Estado Uruguaio o consumo de maconha se expandiu enormemente nos últimos 15 anos, sendo completamente inaplicável o marco legal punitivo que o regula. Pessoas de todas as idades fumam maconha na via pública, incluindo as principais vias de trânsito de Montevideu, desde muito tempo. Se bem o consumo de maconha nunca esteve penalizado pela lei, estavam penalizadas a venda, incitação e cultivo. Mas a realidade cultural é que o cultivo de maconha é uma prática altamente estendida faz vários anos, com um crescimento constante.

Todo Estado deve ter a capacidade de sustentar seu marco legal punitivo, onde as condutas que o contradizem são a exceção e não a regra. Quando os hábitos gerais da população contradizem as diretrizes do Estado, a autoridade do mesmo está em dúvida. O problema para o Estado não é que as pessoas plantem e fumem maconha, porque estas práticas são integradas ao cotidiano do modo de vida capitalista e os indivíduos que hoje consomem maconha pagam impostos, trabalham, se casam, consomem TV, se comunicam por Facebook e votam. O problema é que sentem que fazê-lo é, em parte, passar por cima do Estado e que essa ideia lhes desperta simpatia.

Ter uma lei que ninguém cumpre e que ninguém leva a sério é ter um elemento para que a indivíduo sinta que pode descumprir qualquer lei e que sua vida não deve ser regulada por nenhum poder. Sentir prazer por ignorar uma lei e as ordens da autoridade é algo que nos conecta com nossa pulsão por liberdade, com limitar o avanço do poder sobre nossas vidas.

O que, então, têm feito os políticos desde sempre em situações como esta?

Existe um sem número de exemplos ao longo da história que iluminam este caso e o relacionam a um comportamento genérico dos políticos e sua defesa da ordem. O poder sobrevive reinventando seu discurso de legitimidade aparente e ilusória. Sempre haverá um político ou um defensor do poder esperando a oportunidade de se auto-colocar na cabeça de

um movimento passivo para subir um degrau a mais nas estruturas de autoridade. Sempre haverá um hipócrita que se proclamará como igual nas lutas, quando na realidade é só um defensor da ordem.

Mujica simplesmente “capitaliza”, no sentido mais estrito da palavra, um conjunto de práticas à margem a lei e o movimento social massivo que as sustenta com um discurso público. Quer dizer, transforma um processo de deslegitimação do poder em uma situação econômica controlada pelo Estado. Se existia uma cultura de fumar maconha em via pública, se eram muitos que plantavam. Se haviam manifestações anuais pela descriminalização, se já existiam dois projetos de lei a respeito (sendo um deles de um partido da oposição); era hora de tirar um crédito político e econômico.

Velha prática dos partidos comunistas, da social democracia europeia, dos populistas, dos governos latino-americanistas, dos nacionalistas e também dos fascistas. Sempre haverá políticos que tentarão encabeçar o descontentamento coletivo e irão torná-lo sua causa silenciosamente tirando sua maior periculosidade: a autonomia de fazer à margem da lei.

O Estado uruguaio venderá maconha nas farmácias e cobrará uma boa quantidade de impostos. Os consumidores e os auto-cultivadores deverão identificar-se e inscrever-se em um registro. O comércio entre pares estará fortemente penalizado e a população poderá voltar cansada do trabalho e modificar minimamente o estado de depressão e angústia que este sistema lhe produziu fumando um bom baseado com sementes da Monsanto. Tudo dentro da lei e da lógica do Capital.

Encabeçar as práticas livres e espontâneas da vida parece ser uma obsessão constante dos políticos em seu caráter de defensores do poder. Nossa liberdade de fazer o que nossos corações nos propõe é também nossa liberdade de amar a quem nós queremos. Razão pela qual, a segunda lei que promove Mujica no exterior, a Lei do Matrimônio Igualitário, se vincula diretamente com o que viemos mencionando.

Não existe poder, autoridade, indivíduo ou lei que possa legitimar ou impedir o amor entre dois seres. A comoção que sentem duas pessoas que se amam profundamente é tão forte e evidente que vale por si mesma e não necessita reconhecimento algum. Porém, o poder faz um árduo e histórico esforço para regular as relações afetivas entre indivíduos. Com efeito, e em última instância, o poder não existe sem essa artificialização do amor.

O Estado uruguaio, com Mujica à frente, proclamou por lei que autoriza a pessoas “do mesmo sexo” a casar-se do mesmo modo que até agora só o faziam pessoas “do sexo oposto”. O casamento, que basicamente regula os vínculos que os casados tem com seus bens, o dinheiro e sua herança é agora realizável por “todxs”. Mas qual é o valor real desta situação? Por que devemos considerar interessante ou auspicioso que uma autoridade diga que nos autoriza a amar quem quisermos?

As que amamos profundamente sabemos que não existe autoridade alguma que tenha nada relevante sobre nosso ato de amar. Que não há estrutura, nem entidade, nem indivíduo que possa determinar isso que sentimos. A sensação de amor, quando é real, profunda e não é traída por nosso medo ou insegurança, existe por si mesma e ri dos juízes e dos religiosos, e também dos pais ou dos ciúmes de um terceiro. O amor é livre e

incontrolável. Podemos traí-lo, traindo a nós mesma, e impedir que se expanda em nosso ser porque nos pareça socialmente inconveniente, mas não podemos evitar seu surgimento.

O Estado se propôs a legalizar uma prática também estendida na cultura, a que duas pessoas do mesmo sexo se disponham a reconhecer publicamente seu amor. Mas isso só ocorre porque foi necessário lidar com uma infinidade de instâncias não reguladas no que diz respeito à materialidade nas relações de casal. Nossa relação com ele como e a quem amamos, também se reflete em nossa maneira de organizar nosso vínculo com bens, o dinheiro, a herança. Existe um sem-número de casos em que pessoas que construíram uma relação de casal tem problemas na hora de resolver este tipo de assunto com familiares ou entre si mesmos no momento de separação do casal ou pela morte de uma das duas.

Não ter a capacidade de resolver diferenças sobre bens materiais neste tipo de situações é um problema que não se pode resolver com uma lei. É simplesmente a constatação de que nossa capacidade de amar está fortemente desgastada e afetada por nossas inseguranças, ciúmes e mesquinhas.

Os políticos sempre tem usado o casamento a sua conveniência e tem sido parte da construção de sua imagem pública que, como temos dito, sempre é falsa. Com efeito, Mujica se casou pouco tempo antes de se candidatar à presidência e, para além de seu discurso público, o único motivo real foi sua ambição de poder. No Uruguai, um dos requisitos para ser presidente é estar casado, Mujica simplesmente solucionou esse obstáculo.

O amor segue sendo tão ilegal quanto a desconstrução do sistema patriarcal e o reconhecimento de que amamos, quando amamos de verdade, para além do sexo das pessoas, da conveniência social, das hipocrisias e dos medos.

Por último, e completando a trilogia das leis de exportação, também há uma grande publicidade em torno da Lei de Saúde Sexual e Reprodutiva, que legaliza a interrupção da gravidez. A única coisa que diremos a respeito é que sua aprovação teve a ver com um processo de mais de 10 anos que, em nenhum momento, teve a Mujica como um agente relevante.

O êxito internacional, a retórica de um desconhecido

Como bom profissional da política, Mujica tem uma retórica muito desenvolvida e a capacidade de convencer aos demais através da palavra, organizando-a meticulosamente em seu discurso político. O êxito de seus discursos na ONU ou a enorme quantidade de entrevistas que realizaram os jornais internacionais nos mostra isso muito bem. Com efeito, tem sido sua particular maneira de organizar o discurso o que também lhe deu êxito dentro do Uruguai, construindo o personagem falso que já fizemos referência.

Mas o que é exatamente o discurso de um político? Através de quais ferramentas podemos nos enfrentar a um todo tão coerente, organizado e em equilíbrio?

O discurso político é tão artificial quanto a imagem pública e o desejo de ter um milhão de simpatias. É, antes de tudo, uma obra pensada, estruturada e ensaiada de muitas maneiras diferentes e os profissionais da política não sobrevivem por muito tempo se não conseguem dominar sua “arte”. Para isso, estão desenvolvidos a retórica como disciplina de estudo e manejo do convencimento e engano através da palavra.

A democracia ateniense (além de ter escravos, excluir as mulheres e submeter pela guerra as outras cidades) baseava sua fraude no fato de que as classes mais ricas recebiam uma doutrinação no manejo da retórica, conseguindo maior desenvoltura para falar nas assembleias, melhor organização das palavras e maior poder de dissuasão. Essa disciplina surgiu na Grécia produzindo dois ramos fundamentais de composição, estudo e manejo do discurso. O primeiro estava vinculado à capacidade de convencer a um juiz em um processo legal. Já que por lei os cidadãos atenienses tinham que defender-se a si mesmo diante dos magistrados, os ricos começaram a pagar aos mestres do discurso para que lhes ensinasse a convencer e a ganhar os pleitos legais. O segundo ramo teve a ver com a composição de discursos para as assembleias.

Existe então na retórica uma intencionalidade de tirar um crédito pessoal com a arte da palavra. A retórica não tem como objetivo conhecer a língua e começar a desenvolver a capacidade de dizer completamente o que alguém está sentindo. Pelo contrário, seu funcionamento se baseia mais além da verdade coletiva ou da convicção que a oradora tem do que está dizendo e toda sua maquinaria está dirigida a persuadir à outra. Isso é o que os profissionais da política têm estudado geração após geração.

Mujica, expert no manejo da retórica, sabe o que dizer a quem e como fazê-lo em equilíbrio com seu personagem. Por tal razão, seus belos discursos devem ser contrastados com a realidade de suas ações como indivíduo, político e presidente. Por que? Porque cada organização de sua fala se constitui como um sistema de símbolos que procuram estabelecer uma mensagem e não tem sentido analisá-lo em abstrato para além de seu emissor ou de seu contexto. Hitler falou da liberdade como também fizeram Bush, Mussolini, Stálin, Franco e Videla. Conhecer o emissor, saber quem é a pessoa que está gritando “viva a liberdade”, é parte fundamental da compreensão e desconstrução da mensagem. Um grito de “viva a liberdade” que são da boca de um escravo que se rebela nunca será o mesmo quando sai da boca de um juiz que ordena sua execução.

O discurso de Mujica, tanto o elaborado em situações de protocolo como o que oferece em entrevistas, sempre faz notar que “a liberdade é a capacidade de dedicar o tempo ao que cada um quer”. Desde aí sempre se propõe um conjunto de juízos a aqueles que dedicam demasiada parte de seu tempo a produzir dinheiro, destacando que a ambição está comendo a liberdade. Mas esse mesmo emissor, quando foi perguntado em uma rádio local pelo conflito que estavam causando as professoras ao solicitar aumento de salário, foi ele que disse que “é verdade que as professoras cobram pouco, mas elas tem muito tempo livre e poderiam conseguir outro trabalho”.

O mesmo indivíduo que disse à BBC ou a RTVE que as pessoas deveriam trabalhar menos e ser mais livres, disse às professoras que o justo é que procurem um trabalho de meio período em vez de pedir aumento. Ainda quando Mujica reconhece que o salário das

professoras é muito baixo e inaceitável, sendo ele presidente e tendo a capacidade de produzir uma mudança nesse sentido, a proposta que realiza é que busquem uma fonte adicional de dinheiro. Quer dizer, que sejam menos livres nos termos em que ele mesmo define a liberdade.

Mas, desde já, a contradição maior não acaba em seu discurso sobre a liberdade e suas ações como presidente, senão com suas ações como indivíduo. Será Mujica um indivíduo livre nos termos em que ele elegeu definir como liberdade?

Uma pessoa que declara não querer ser presidente e logo é, não parece ser o melhor exemplo de liberdade individual. O trabalho de presidente ocupa todo o tempo físico e mental de um indivíduo, porque nunca se sai de cena. Se bem que Mujica deu entrevistas em sua casa, mostrando como cozinha seu próprio “puchero” em um ambiente de relaxamento e tranquilidade, a verdade é que essa é mais uma montagem. Não é verdade que Mujica cozinhe sua comida todos os dias pelo simples fato de que não tem tempo para fazê-la. Não é verdade que viva uma vida relaxada de homem do campo, porque sua mente está constantemente atormentada por milhares de situações que tem que resolver. Não é certo. Mujica dedica todo seu tempo a seu trabalho porque é parte de sua constante busca de poder e, como dissemos, a ambição e a cobiça não se limitam aos bens materiais ou ao dinheiro.

A liberdade se alia conosco quando conseguimos agir em plena concordância com nossa convicção, quando escolhemos realmente o que fazemos em função de nossa verdade individual e nos desfazemos do dever-ser que a sociedade nos impõe em cada ato cotidiano. Um escravo pode nos falar de seu anseio de liberdade, mas não pode pretender nos mostrar sua escravidão e nos dizer que isso é liberdade.

De onde parte, então, essa ideia de que Mujica é um homem livre?

Em todas as entrevistas que se realizam se coloca em primeiro plano a ausência de bens materiais de luxo, ou de um conforto geralmente presente em todos os presidentes. Dessa ideia surge o título de “o presidente mais pobre do mundo”, que tanta fama internacional lhe deu. E desde essa particularidade, questionado sobre por que de não querer conforto ou luxo, surge o mencionado discurso sobre a liberdade, o consumo e o tempo.

Desde já, havendo muitos presidentes no mundo, um deve necessariamente ser o mais “pobre” e essa condição estará dada por elementos do contexto e não tem nenhum tipo de mérito individual. O salário de Mujica é mais alto que dos presidentes da Bolívia, Equador, Venezuela, Perú, Honduras, Paraguai, Argentina e Brasil. Só para colocar as coisas em termos numéricos, diremos que enquanto o salário de Mujica é de uns U\$ 12.500 mensais, o de Evo Morales ronda os U\$ 2.800. Por tal motivo, tomando o salário como indicador, o título de presidente mais pobre do mundo não parece ser muito real.

Existem outros fatores a levar em conta para falar da “pobreza” de uma pessoa. Entre eles os bens acumulados imóveis, as contas bancárias, os bens familiares e as redes que

permitem produzir novos ingressos. Segundo as declarações patrimoniais que o próprio Mujica realizou, declarações que sempre são incompletas por falta de fornecimento de todos os dados, seu patrimônio cresceu uns 73% nos últimos dois anos. Isto quer dizer que Mujica se beneficiou de sua condição de presidente aumentando enormemente seu capital acumulado, o qual não o apresenta como uma pessoa pobre.

Mas, como é notório e destacado pela imprensa mundial, Mujica doa a maior parte de seu salário ao Plano Juntos, projeto encarregado de construir casas para habitantes de assentamentos. Este “gesto de renúncia”, ato que deve ser analisado profundamente, deslocou por completo a capacidade de enfoque e análise do personagem, seu capital e sua ética.

Como dissemos, a arte do político é saber através de qual gesto e de qual palavra concentra e acumula a maior simpatia de eleitores ou cidadãos. O Plano Juntos é, de fato, um tipo de ONG fundada pela “presidência da república”, que se sustenta a base de doações e convênios com outras instituições, ficando à margem do ministério de habitação e dos planos habitacionais do Estado. Mujica realizou boa parte de sua campanha anunciando que “todas as pessoas que vivessem em assentamentos irregulares receberiam uma casa digna”, promessa que desde então ele sabia que não ia cumprir. Mais tarde, essa promessa se transformou na ideia de construir 15.000 casas, das quais, ao concluir seu mandato, se construíram 1.500. Quando um político tem que assumir a mentira de sua promessa eleitoral, recorre a todo tipo de procedimentos entre os que se destacam q responsabilização de outros agentes, o declarar em desconhecimento de certos novos entraves ou a inoperância das estruturas burocráticas.

Neste caso, Mujica escolheu cedo uma estratégia simples que desabilita sua promessa ao mesmo tempo que o salva como indivíduo em suas responsabilidades. É evidente que com a doação que realiza de seu salário como presidente não existe possibilidade alguma de construir “casas dignas” para todxs habitantes de assentamentos e é também evidente que essa promessa só pode ser cumprida utilizando o aparato estatal e todo seu poderio. Mas Mujica não atua realmente de seu cargo de presidente para afetar na política estatal e cumprir sua promessa, senão que se propõe a realizar como indivíduo através de um projeto financiado com parte de seu salário, algo completamente absurdo. Deste modo, a “culpa” de que a promessa não se faça realidade não pode ser imputada a Mujica, pelo contrário pareceria ser que é o único indivíduo ao qual não se pode responsabilizar.

Mas vamos retomar o foco das coisas. Mujica não fez campanha dizendo que doaria boa parte de seu salário a uma ONG, o que ele fez foi dizer que, uma vez que fosse presidente e dese esse lugar, se encarregaria de oferecer casas às habitantes de assentamentos. Tudo o que acontece para ocultar esse descumprimento não é mais que um golpe de efeito, uma grotesca cortina de fumaço que inverte as responsabilidades e deixa ao principal mentiroso e responsável pelo descumprimento, como único preocupado de que as coisas deem certo.

Isso é um profissional da política em ação. O mundo se assombra de que um presidente doe a enorme maioria de seu salário e o coloca como um caso único. Mas observemos que curioso, existiu um governador da Califórnia, EUA, que recusou seu salário

por completo durante dois períodos em que exerceu seu cargo. Assumindo o governo em plena crise e tendo de legitimar um enorme plano de cortes, esse governador não só não aceitou seu salário, senão que pagou de seu bolso todos os gastos que o cargo implicava. Seu nome: *Arnold Schwarzenegger*.

Cada gesto de um político está pensado milimetricamente e o Exterminador do Futuro sendo um produto desenhado e guiado meticulosamente é um claro exemplo. Doar o salário é simplesmente um gesto, um elemento a mais na falsa construção de uma imagem pública, porque ainda sem cobrar os políticos se beneficiam de seus cargos. Por essa razão é que Mujica, ainda doando a enorme maioria de seu salário, teve um crescimento de 73% em seu patrimônio.

Os discursos e os gestos podem ser muito bonitos, mas os feitos são muito mais claros e definidores. Podemos dizer que o consumismo está devastando a natureza e que isso está mal, recebendo o aplauso de todo o mundo, mas se isso vai acompanhado de projetos extrativistas que destroem a terra ou de propagação de transgênicos e monocultura de eucalipto, se não contradizemos em nada a lógica capitalista e seguimos avançando na via da devastação, então nossas palavras são falsas, nosso discurso hipócrita e não somos diferentes do pior ator de filmes de ação.

Podemos dizer que todos os pobres terão uma casa, receber seu voto e os elogios do mundo, mas se logo essa promessa não se concretiza desde o lugar que foi votado, então não é mais que outro político mentiroso.

Todos os grandes responsáveis da destruição e da degradação do mundo adotaram desde muito tempo a estratégia de mostrar-se como almas caridosas que apadrinham obras beneficentes. O faziam Rockfeller ao mesmo tempo que mandava matar trabalhadoras e conspirava para concentrar 90% do petróleo dos EUA. O fez Ford, enquanto gerava um sistema de produção em série que lhe permitia tomar o poder que antes tinham as trabalhadoras sobre o conhecimento do trabalho. O fez Soros, enquanto avança na criação de transgênicos e o uso de pesticidas da Monsanto. O que dizer de Nobel e sua enorme produção de armas e explosivos para exércitos de todo o mundo?

Diante destes personagens, é importante analisar, sempre em profundidade, como se produz o dinheiro que se está doando, que outras ações realiza quem doa, como se beneficia de sua ação, que imagem pública está querendo construir e por quê. Os empresários dividem com os políticos o feito de que seu dinheiro se produz na base do engano e da desigualdade. Se existe uma grande acumulação de capital, é porque existe também uma grande responsabilidade sobre o estado de devastação em que estamos. O dinheiro não se limpa quando é doado a uma ONG ou algum projeto social. A constante destruição da natureza e a opressão de indivíduos não se solucionam recolocando parte do capital acumulado, se começam a desconstruir suprimindo os processos de destruição pelos que se está gerando esse dinheiro.

Mujica doa boa parte de seu salário, mas segue sendo um presidente capitalista que fomenta e facilita a destruição da terra, a vigilância e o controle sobre as indivíduos, o aumento da angústia coletiva, a hipocrisia social e a alienação dos coletivos humanos. O dinheiro que recebe de seu salário como presidente não pode limpar-se através de nenhum

mecanismo. Está manchado para todo efeito, e a única maneira de libertar-se dessa mancha é não participar do jogo. Não é renunciando ao salário, senão renunciando a participar das estruturas que produzem esse dinheiro e sustentam esse estado de loucura coletiva em que vivemos.

Mas a chave principal do sucesso é ser um desconhecido. É saber que ninguém constatará a estupidez do que dizemos. É ter facilidade de mostrar a personagem e não a pessoa.

Sendo que a personagem é uma construção premeditada que gera um relato falso em cada aspecto da vida e da identidade, deve construir-se o mais longe possível a toda referência para com a pessoa real. Esse processo pode alienar tanto ao sujeito que por momentos pode chegar a acreditar parte de sua personagem. Mas não há nada mais demolidor que cruzar um espelho no silêncio e solidão da noite. Podemos chegar a desenhar um engano tão perfeito que todos aqueles que se vinculam com nossa imagem pública acreditam que a mesma é real, mas não há maneira de enganarmos a nós mesmas.

Esse espelho não nos permitirá nunca. Mujica chegou a dizer em uma entrevista que “o mais cômodo é a verdade”, fazendo referência ao “diferente” que ele é em relação a outros presidentes. O certo é que Mujica vive na comodidade da mentira e que a verdade segue sendo o mais incômodo que este mundo social hipócrita tem que enfrentar diariamente para continuar propagando-se. Que foi feito um esforço para concentrar a atenção nos detalhes de sua vida e não em suas ações como político ou presidente e que, como dissemos, a anedota de vida do presidente não tem relevância alguma. Como mais uma estrela pop, suas entrevistas discorrem sobre sua opinião acerca das drogas, sua filosofia, sua casa e sua vida. Enquanto isso, sua desagradável e alienante música, produzida com todos os estandartes da indústria, soa uma e outra vez, nos alentando a prosseguir nesta dança macabra que os profissionais da política nos propõem desde sempre...

...existe no Uruguai uma empresa, Montes del Plata, que negocia com o Estado a instalação de uma nova fábrica de celulose com seus conhecidos efeitos contaminantes e destrutivos. Muitas das casas construídas pelo Plano Juntos foram feitas com contêineres doados por esta empresa para conseguir os favores do governo...

Talvez não haja uma imagem mais nítida, arrepiante e grotesca do que acontece com José Mujica...vamos...a dança macabra nos convida a viver nos contêineres que sobram das empresas que destroem nossa terra enquanto aplaudimos seus belos discursos na TV...

Palavras finais:

Haverá um dia em que textos como este não serão necessários. Será o dia em que o repúdio que todos os coletivos humanos impuseram aos profissionais da política soem muito mais alto que a retórica e os enganos que tentam nos convencer...

Nota final da tradutora:

Fiquei muito feliz em traduzir uma análise política como esta. Também espero pelo momento no qual textos como esse não sejam mais necessários, mas por enquanto, são.

No contexto brasileiro, passamos por uma última eleição presidencial no qual pessoas que se identificam como apartidárias, autônomas e até anarquistas votaram na reeleição da presidenta em oposição ao outro macho que pleiteava o poder. Muitas dessas pessoas, em ambiente virtual ou real, afirmaram que somente iriam votar naquela situação...oportuno, já que somente se pode votar em períodos eleitorais. Foi lamentável ver as pessoas brigando e rompendo relações por defender as migalhas de governantes que fazem de tudo para levantar os índices de desenvolvimento do Brasil, posto que uma incoerência muito gritante – embora existente – de desenvolvimento do capital econômico com o desenvolvimento populacional poderia resultar ao país grandes tombos nos degraus que levam à escada para o céu do imperialismo regional e mundial. Não precisamos nos esforçar para lembrar que Dilma, a primeira mulher eleita presidenta no Brasil, continua a sentenciar mulheres à morte com a criminalização do aborto, marcou presença e selou aliança com a bancada evangélica na inauguração do Templo de Salomão da Igreja Universal e nomeou como ministra da agricultura a Miss Desmatamento, uma bizarrice chamada Katia Abreu, latifundiária, defensora da Monsanto e etnocida das populações indígenas do território brasileiro. Sobre o outro candidato à presidência, Aécio Neves, somente penso que outros como ele, porém peixes bem pequenos, tiveram pior sorte na Indonésia (me refiro aos brasileiros executados pelo Estado indonésio por transportarem alguns quilos de cocaína em prancha de Surf... imagine se o helicóptero de Aécio, com algumas toneladas do branco pó, tivesse ido dar uns vôos pelo Pacífico?).

O pior é que não para por aí. Na cidade de São Paulo, muitas das pessoas com identidades já descritas acima, as quais chamaram Dilma de “Dilmãe”, consideraram o prefeito Fernando Haddad como o “prefeito tranquilão”. Penso eu que essas pessoas realmente estão em uma zona de conforto tão grande que não percebem que a “tranquilidade” do prefeito, suas iniciativas culturais e infra-estruturais – bem como a publicidade delas – coexistem com a repressão e assassinatos da Guarda Civil Metropolitana às pessoas que trabalham como camelôs, que as reintegrações de posse em favelas, prédios e terrenos ocupados ainda são executadas da forma mais covarde pelo governo de Alckmin de mãos dadas com a prefeitura, além de detalhes como a lavagem de dinheiro, cuja ponta do iceberg podemos perceber na mudança dos pontos de ônibus da cidade, pela segunda vez em menos de quatro anos – ambas as vezes foram instalados abrigos que, seguramente, custaram bem mais que um prédio abandonado cheio de dívidas usado como moradia popular.

Mudanças de gestão entre PSDB, PT, PSB etc, existem? Ok, existem. Porém iludir-nos que os governantes são a salvação para um colapso, que vão atender a promessas de vida melhor para uma sociedade massificada e extremamente desigual? Sem chance!

Se a mudança do mundo não for feita pelas nossas mãos, não será pela de políticos profissionais e seus produtos não-políticos, como pontuou bem o texto.

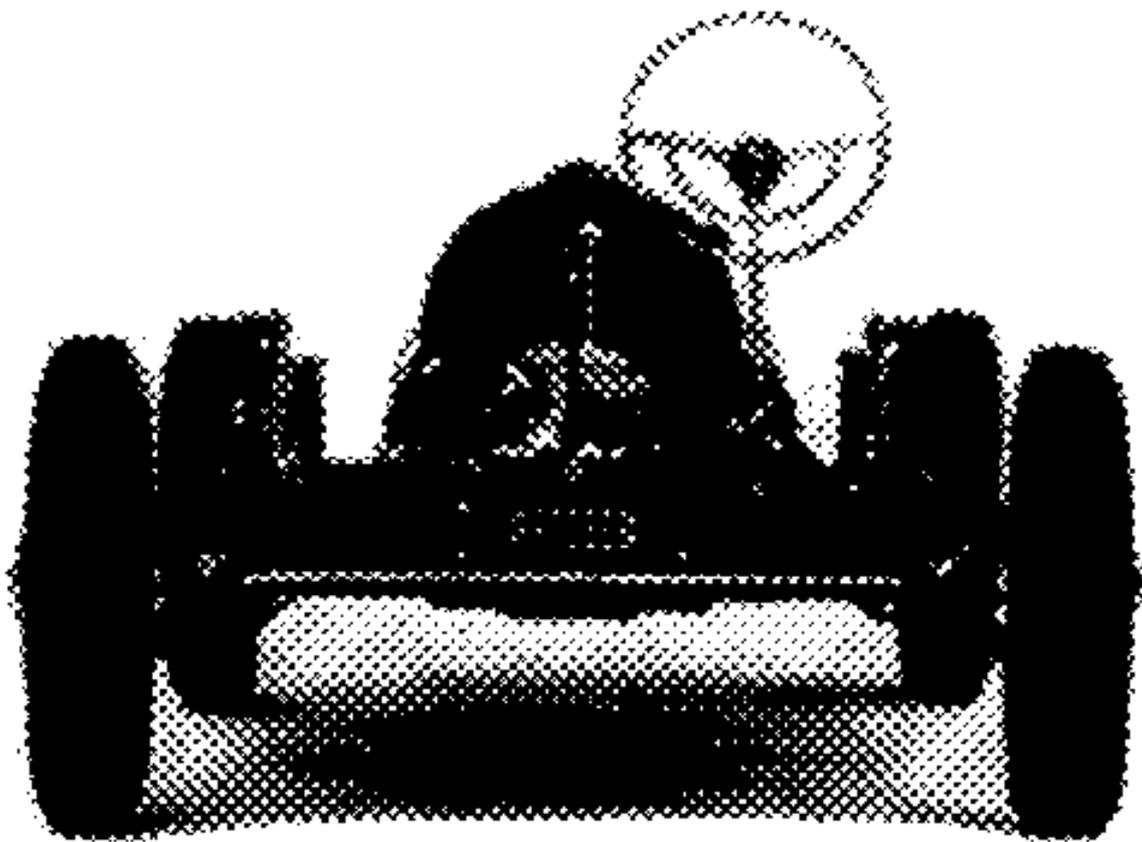
Fora todos os estadistas!



Inverno de 2015.

“A ideia de “renovação” da político não é mais que um discurso, uma construção de um profissional não-político da política que gerou um novo disfarce. Como esse princípio emergiram candidatos que, com diferentes argumentos de contexto, batem no peito jurando ser diferentes.

Assim, Cristina Fernandés, Dilma Rousseff ou Michelle Bachelet são “diferentes” aos profissionais da política por serem mulheres. Evo Morales por ser indígena. Obama por ser negro. Lula da Silva por ser sindicalista ou Sebastián Piñera por ser empresário. Boa parte da democracia ocidental vive um claro momento em que não ser “igual” aos profissionais da política é um requisito indispensável para entrar na profissão e ter sucesso.



Escrito no Uruguai – contato:

ignifero@riseup.net

Difundido no Brasil por Facção Fictícia

facciao ficticia.noblogs.com